

432

Resumo: O presente artigo aborda as relações de gênero no universo cretense enquanto continuidade de uma estrutura mítica e relativa à práxis do homem oriunda dos períodos Paleolítico e Neolítico. Dessa forma, o foco das análises recai sobre as representações da Deusa das Serpentes, oriunda de Cnossos, do touro, do duplo machado e do labirinto, elementos que, entrelaçados, formam uma inextricável teia, repleta de símbolos que compartilham do motivo da fecundidade, fertilidade e continuidade da vida, e de como estes elementos, presentes no mito de Minos e Ariadne, revelam uma estrutura de sucessão matrilinear ao trono de Creta. A análise é pautada nos pressupostos teóricos da Semiótica greimasiana, sobretudo na figurativização, da Antropologia, da Helenística, da Arqueologia e da Etimologia.

Palavras-chave: Creta; Deusa-Mãe; touro; labirinto; hierogamia; figurativização.

Abstract: The present article analysis the gender relations in the Cretan universe as the continuity of a mythical structure and related to the praxis of the man originated from the Paleolithic and Neolithic periods. Thus, the focus of these analysis is in the representations of the Serpents Goddess, originated from Cnossos, the bull, the double axe and the maze, elements that, attached to each other, make a connected web, full of symbols that share the reason of fecundity, fertility and life continuity, and how these elements, present in the Minos and Ariadne myth, show a matrilinear succession structure to the Crete throne. The analysis is based on the theoretical presuppositions of the Greimas Semiotics, also on the figurativeness, of the Anthropology, the Hellenistics , the Archeology and the Etymology.

Keywords: Crete; Mother-Goddess; bull; maze; hierogamy; figurativeness.

*pisando a grama, a flor intacta: em Creta
dançavam moças ao redor de altares:
seus pés marcavam um tempo além das eras*
Safo, 1987:frag.16

A cultura cretense é marcada pelos mesmos valores dos períodos Paleolítico e Neolítico, a Deusa Mãe, o touro e o *labrys*. Das primeiras civilizações pouco restou, o período pré-palacial deixou apenas alguns resquícios. Já o período

neopalacial (1.700 –1.400 a.C.), o dos grandes palácios de Cnossos, Phestos e Mália, guarda valiosas informações sobre essa cultura tão rica e fascinante. Creta foi o centro de uma rede marítima, dominou a navegação e o comércio, o que fez convergir para ela culturas e povos dos mais diversos.¹

Seus palácios e vilas de intrincados desenhos e cores vivas foram palco ideal para o “surgimento” de mitos e a estruturação de uma arte profundamente religiosa, que permite evidenciar a complexidade alcançada pelas fontes neolíticas – a deificação do mundo natural – e o requinte a que chegou seu culto.

Como a teia de fios delicados e brilhantes que se sustém no ar – ilusão de luz e sombra – Creta e seu labirinto, povoado pela Deusa da Serpente, Ariadne, Teseu e o Minotauro, atraem e aprisionam, guardando em seu centro os segredos de todos os caminhos.

A SENHORA DE CNOSSOS

*Todas las noches baja al pazo
ya la mañana reaparece
con un nuevo reptil entre los brazos.*
Octavio Paz, 1995, “Dama”

¹ Sobre Creta cf. Papapostolou 1981; Hood 1973; Treuil 1989.

As duas grandes Damas provenientes de Cnossos são representações da Grande Senhora (*Pótnia*), denominadas pelos arqueólogos como as Deusas das Serpentes. Esses dois ídolos em faiança, provenientes do tesouro do santuário de Cnossos, datam de aproximadamente 1.600 a.C. Ligeiramente divergentes em suas representações, as Deusas das Serpentes guardam a mesma matriz figural e o mesmo conjunto de semas que levam ao motivo da Deusa Mãe e sua hierogamia com o touro.²

A DEUSA DO NÓ

435

Em faiança policromada, a Deusa do nó (fig.1) porta uma saia longa, de formato cônico, adornada por um barrado geométrico de losangos sobrepostos semelhantes a uma rede de pesca ou de caça ou, ainda, a favos de mel, e por linhas finas e horizontais, de cor escura, distribuídas em intervalos regulares que circundam o cone/saia de cor clara dando a idéia de listas. Não há qualquer indicação sobre os pés. Sobre a saia observa-se um “avental” em formato de U, ligeiramente irregular na parte superior, situado entre a cintura e a metade da saia; ele possui um contorno em relevo, seguido de um barrado de linhas sinuosas, quase uma grega.³ Mais acima

² Para facilitar a identificação, a Deusa com um felino sobre a cabeça será nomeada como Deusa com felino, enquanto a outra será a Deusa do nó.

³ Denomina-se grega a cercadura arquitetônica formada de linhas retas entrelaçadas (Ferreira 1986).

desse barrado, o corpo de uma enorme serpente que, partindo do topo da coroa em forma de tubo, desce num movimento sinuoso, contornando a lateral da cabeça,⁴ os ombros, a linha dos seios, a cintura e o ventre, para retornar ao alto, sobre a coroa, onde a cabeça do réptil com a boca aberta encontra a cauda. Sob o corpo da serpente, na região do cinto pubiano, tem-se a presença do nó, ou laço, sagrado. Os seios nus são realçados por um corpete.



Fig. 1 – Deusa das serpentes – Deusa do nó.

⁴ O que parece uma orelha desproporcional é, na realidade, parte do corpo da serpente que desce pela cabeça da Deusa.

A deusa traz os braços estendidos à frente do corpo e enlaçados por outra serpente. O animal tem a cauda segura pela mão direita da deusa e a cabeça sobre a palma da mão esquerda. O corpo do réptil passa por sobre os ombros, contornando as costas da estatueta.

O rosto é triangular, com nariz, olhos e boca bem definidos – o relevo criado pelo nariz, juntamente com o triângulo do rosto, assemelha-se ao visto na Vênus de Brassempouy. Os cabelos aparecem numa estreita faixa entre a coroa e o rosto. A coroa tubular, de base maior que a extremidade superior, sofre um afunilamento delicado – assemelhando-se aos descansos tubulares de Gúrnica e Cnossos.

A saia de forma cônica triangular mantém os semas vistos para o triângulo púbico e as coxas das Vênus, que levam à seguinte transformação classemática: <humano> –» <vegetal> –» <mineral> ↔ Terra-Mãe. Enquanto nas Vênus o último termo do percurso era gruta/caverna, na Deusa do nó vê-se uma ressemantização na qual o ventre/gruta/saia é também colmeia/*omphalós*.

A conotação da colmeia é perceptível, além do formato, no barrado da saia, cujo desenho assemelha-se aos favos do mel; na presença da serpente, abelha alada, que guarda a gruta/colmeia; em sua ligação com o touro e no enorme valor atribuído às abelhas na cultura creto-micênica.

A figura do touro presente na estatueta da Deusa, embora sutil, é duplamente marcada: no formato em U do avental – idêntico aos cornos de consagração e, sobretudo, no contorno sinuoso da grande serpente sobre o ventre e o tronco, que desenha a silhueta de uma cabeça de touro cujos chifres são seu prolongamento em redor da cintura e dos seios. Touro e serpente se fundem nas representações de ambos. A serpente desenha o touro com seus volteios e os cornos desse animal são decorados com motivos ofiomórficos. Reiterando a equivalência existente na protofiguratividade desse contorno mítico observa-se o veículo fertilizador e protetor, o consorte/falo/arma, sobreposto ao sexo/ventre da deusa, que, por sua vez, tem seu limite marcado, guardado, pelo nó sagrado – substituto do cinto/sulco das Vênus.

Nó, cinto ou laço, sagrado ou não, eles prendem, ligam e protegem os objetos aos quais estão atados. O nó sagrado, sobre o ventre da Deusa do Nó, é bastante elaborado e se afigura como um desafio aos que pretendem ultrapassar o limite por ele guardado.⁵

Equivalendo ao sulco do baixo-ventre das Vênus paleolíticas e neolíticas, o nó realça o ventre e seu poder

⁵ Desatar o nó equivale a possuir a Ninfa; cf. MARQUETTI, F. R. 2001, cap.1. A simbologia do cinto, ligado ao sexo, perdurou até a Idade Média, como mostra o costume das viúvas de depositarem seus cintos sobre a tumba dos maridos quando renunciavam à sua sucessão (Chevalier & Gheerbrant).

criador, ligando as doçuras do sexo ao perigo de morte,⁶ tão bem atestado nos mitos de Glauco, Dioniso e Eros, nos quais a *jarra de mel* (ventre) é fonte de prazer e perigo. Unindo pólos opostos – Céu/touro/serpente à terra/Deusa Mãe –, ele se encontra no centro (*medial*), a meio caminho entre o alto e o baixo, o gozo e a morte, o divino e o humano – o ventre, o sexo feminino e seu delta, cingidos pelo cinto e protegidos pelo nó, são a figurativização da vida, como o cordão umbilical, ligando o feto à mãe. A mãe tece em seu ventre uma nova vida; quando pronta, corta o fio que as une – do mesmo modo as Moiras fiam o destino/vida dos homens; no seu final, o fio é cortado e os homens deixam a terra, seguindo para o Hades.

439

Tecer é não só cardar a lã, mas entrelaçá-la regularmente, atar os fios para deles obter o tecido que, como a vida, deverá apresentar um motivo ou desenho. Nesse sentido, o nó é o início da vida e o novelo é sua promessa.⁷ “Tecer não significa somente predestinar (com relação ao plano antropológico) e reunir realidades divinas (com relação ao plano cosmológico), mas também *criar*, fazer sair de sua

⁶ O selo preso ao pulso da Deusa com a pomba de Cnossos equivale ao nó sagrado, uma vez que os pulsos são intercambiáveis com o sexo (cf. MARQUETTI, 2001: cap. 2 – os adornos das deusas); o selo corresponde ao nó, pois é um fecho, um limite a ser respeitado. Outro selo famoso na mitologia é o cinturão de Hipólita, que Hércules rouba num de seus trabalhos. Insígnia de realeza e poder, ele é também o laço inviolável que protege o ventre da rainha das Amazonas: desprendê-lo é possuir Hipólita.

⁷ O tecido, a teia e o labirinto compartilham o mesmo motivo do tecer – todos são caracterizados por uma trama/rede que prende e, embora sejam finitos, podem ser tomados por infinitos, como a espiral logarítmica.

própria substância, exatamente como faz a aranha, que tira de si própria a teia” (Eliade 1949:159).

O nó é promessa de abertura e limite a ser respeitado; no caso do nó sagrado de Creta, ele indica a união entre a vida contínua e imortal da Terra Mãe, com seus benefícios, à de seu consorte, o touro/Sol, cujo representante é Minos/Teseu.

Os seios/frutos da deusa estão sustentados pelos pequenos nós/laços do corpete, que os ligam ao grande nó sacro. O fruto, produto da terra fecunda, como o leite nos seios da mãe, pressupõe a hierogamia, o desatar do nó ou cinto para a fecundação da Deusa.

440

A coroa em forma de descanso tubular é referência clara a seu estatuto de coluna/pilar que sustém e liga o alto e o baixo – é sobre a Deusa que repousa o universo, é ela que une os opostos e conjuga em si o todo, o uno.

Na mão esquerda ela prende a cauda da serpente; com a direita, num gesto de oferta, sustém a cabeça do animal – em suas mãos estão o princípio e a continuidade do movimento sinuoso e elíptico da vida, figurativizado pela serpente. A vida nasce, é sustentada por seus ombros e deve sua perpetuação à generosidade da Deusa. A cauda presa em sua mão indica o poder, sua soberania sobre a serpente/vida, e também sobre o falo/macho que a cobre. Embora ela necessite de sua virilidade para ser fecundada, ele é seu dependente, fruto de seu ventre, como tudo o mais,

filho e amante, sua vida está nas mãos da Deusa, como a de Teseu nas de Ariadne.

A DEUSA COM FELINO

Também em faiança policromada, a Deusa com felino (fig.2) apresenta algumas variações em relação à anterior. Sua saia, também em formato cônico, é longa e subdivide-se em camadas horizontais sobrepostas, passando de um tom marrom avermelhado na base, com alguns nuances mais claros, a um marrom quase bege junto à cintura, com matizes mais escuros. As faixas ou babados da saia apresentam ainda uma alternância regular de sulcos e/ou listas verticais de cor mais intensa que a da faixa, indo do quase preto, na base, ao marrom/ocre na parte superior.

441



Fig. 2 – Deusa das serpentes – Deusa com felino.

Esse jogo de cores, do marrom terra ao areia, sulcado por linhas verticais de tons mais intensos, torna a saia da Deusa semelhante à terra arada e cultivada, com sua superfície tomada pela plantação e suas diversas tonalidades, delimitada pelos sulcos, horizontais e verticais, para o escoamento da água da chuva ou para a irrigação do campo. Como a saia compartilha dos semas vistos para o delta fértil das Vênus e sua ligação com a terra, fica plenamente justificada a leitura das cores presentes na saia e seus matizes com o da plantação.

442

Essa imagem de campo produtivo, presente na saia da Deusa com felino, faz retomar a imagem da Deusa do nó, cuja saia é marcada por linha horizontais finas e regulares – semelhantes ao campo preparado para o plantio/semear, mas que, ao contrário da Deusa com felino, ainda não germinou – levando a pensar as deusas como dois momentos consecutivos na representação da Terra Mãe. Um primeiro momento, com a Deusa do nó, no qual a terra está preparada mas ainda não recebeu a semente: a presença do nó sagrado e da serpente guardando o ventre, além de seu gesto de oferecimento e a placidez no rosto, confirmam a leitura dessa deusa como a Virgem, a *koré* não desvelada. É um segundo momento, com a Deusa com felino, na qual o nó já foi desatado, a cintura desvelada e fecundada; a terra fértil faz o grão germinar e cobrir os campos. Por sobre o ventre, o “avental” com o signo do touro, o U , agora já não traz mais a

serpente, mas os alvéolos da colmeia nascida entre os chifres do animal, ou seja, o mel/colmeia nascido do crânio do touro primaveril sacrificado.

Na cintura vê-se uma faixa estreita, em relevo, que contorna o corpo da Deusa com felino; é a base do corpete; contornando essa faixa, no sentido vertical e com espaçamento regular, pequenas linhas marrons; logo acima dela o corpete se abre, deixando os seios nus. Enquanto na Deusa do nó observavam-se pequenos laços no corpete sob os seios, na Deusa com felino eles dão lugar a uma forma retangular e vazada, semelhante ao batente de uma porta ou abertura qualquer – indicando um caminho aberto, franqueado para seu interior. O corpete da deusa traz nas mangas a mesma alternância de cores e faixas que a identificada na saia.

Seus braços não mais se estendem à frente do corpo, mas erguem-se em ângulos retos, assemelhando-se ao chifre do touro estilizado, já visto na Deusa de Gúrnica ou sobre os tubos. Se o gesto na Deusa do nó era de oferta/entrega, aqui indica sua fusão com o touro, amante e protetor; é por isso que em cada uma das mãos a Deusa traz uma serpente e as brande como se as fosse lançar sobre um inimigo, como dardos ou raios – é o Touro urânico ameaçando os que ousam se aproximar de sua Senhora.

O rosto triangular tem os olhos, o nariz e a boca bem definidos. Chamam a atenção as sobancelhas bem

arqueadas – o que confere à Deusa uma expressão facial terrificante. Como Afrodite, Citeréia Coroadada, que após sua união amorosa inspira o terror a seu amante, apresentando-se a ele com uma imagem grandiosa na estatura e no brilho e na qual o colo e os olhos desempenham papel fundamental (*Hino a Afrodite I*, 170-175), a Deusa com felino aparece em toda a sua grandiosidade terrificante após ser fecundada e se tornar Mãe.

Sobre sua cabeça, não mais o tubo e a serpente, mas uma coroa circular baixa e adornada com pequenas “flores” circulares e claras, entremeadas por pequenos triângulos invertidos pintados em tom escuro. Essas pequenas “flores” são na realidade formadas por dois círculos concêntricos, representação simplificada da espiral que pode ser observada em inúmeras representações cretenses, como no selo palacial com motivo de espiral (museu de Heráclion), nos grifos que ladeiam a sala do trono de Cnossos, na faixa decorativa do *mégaron* do rei em Cnossos, no diadema em ouro da tumba III de Micenas e outros. A espiral, símbolo erótico que caracteriza os ciclos da natureza, vem associada na coroa da Deusa com o triângulo invertido, símbolo igualmente erótico ligado ao sexo, à fertilidade/fecundidade e à vida. A coroa, como as demais jóias (de Afrodite e das Vênus), tem sua conotação sexual, podendo ser permutada com o cinto,⁸ uma vez que ambos partilham os mesmo semas. Sobre essa

⁸ Cf. MARQUETTI, 2001:cap. 1, “o véu cômico”, e cap. 2.

coroa/sexo instala-se um felino, leão, leopardo ou, como querem alguns, gato. Esse felino – cujo suporte figural é dado por <extremidade> + <superatividade> + <cilindricidade>, pois assume o alto da estatueta e apresenta formas marcadas pelos semas anguloso, cilíndrico, formado, sólido, forma fechada, liso e cromático, idêntico ao dos consortes das Vênus paleolíticas e neolíticas – pode ser tomado como tal, ainda mais por estar sobreposto ao sexo/coroa da Deusa. Sua coloração amarela aproxima-o do Sol, senhor uraniano e consorte da deusa e sucessor astral do touro. Dessa forma, a interpretação desse felino como um leão ou leopardo, animais representados ao lado de sua Senhora (como no selo de Cnossos, no qual a deusa está sobre um monte e é ladeada por dois leões), é muito mais pertinente do que a do gato, animal doméstico e que, segundo aqueles que assim o definem, indicaria a ligação da deusa com os ritos e afazeres domésticos.

445

A gestualidade e o semblante terrível da Deusa a aproximam muito mais de uma *pótnia thêron*, Senhora das Feras, do que de uma “vestal” cretense. Assim como Afrodite e Ártemis, a Deusa com felino se inscreve entre as *pótnias* que se comprazem com a companhia das feras e, se o felino ali representado é de estatura pequena, é bom lembrar que as Senhoras sempre foram representadas em tamanho muito maior que seus consortes, assim como a Terra parece maior que o Sol aos olhos dos homens.

O DESENHO DA TEIA

Não só o touro e o *labrys* dominam Creta: a espiral e sua contrapartida arquetônica, o labirinto, assumem nos palácios, vasos, adornos, moedas e demais manifestações artísticas um papel importante, conjugando a beleza do traço e do movimento com a força da presença da Deusa. Mais que simples decoração, a espiral é a epifania da Grande Deusa Mãe.

446

Representada ora pela espiral, ora por dois círculos concêntricos, como se viu na coroa da Deusa com felino, ora pela rosácea ou pela flor de lis – ela conota o ciclo da vida, sua evolução. De seu nascimento, ou aparição num ponto original, central, até seu prolongamento em movimento infinito observa-se a protofiguratividade do centro seguido de um ou mais contornos, como a encontrada nos dois círculos concêntricos, ou na rosácea, ela também um centro seguido de um ou dois círculos, borda das corolas. Na flor de lis sua presença é perceptível nas pétalas terminadas em caracol, ou espiral. Forma recorrente que pode ser ainda encontrada nos braços dos polvos pintados sobre os vasos, ou no pingente das abelhas encontrado em Mália.

A presença da espiral marca também o disco de Festos e a escrita indecifrável dos cretenses. No disco, o centro é ocupado pela rosácea – espiral em espiral, que remonta a uma origem distante, tendo como princípio o

embrião/novelo/Sol, filho–amante, gerado pela Deusa Mãe em seu útero/gruta/labirinto. Inscritos um sobre o outro, confundindo o masculino com o feminino, é na união dessas duas espirais, rosácea e espiral/disco, que se descreve o mundo cretense.

A TEIA, O FUSO E O LABIRINTO

O fio, como o novelo, a espiral e o círculo, compartilha do motivo da fecundidade/fertilidade/continuidade da vida. A correlação estabelecida entre o fio/novelo e a vida é anterior mesmo ao ato de fiar e tecer; ela encontra sua origem na teia e sua senhora, a aranha. Fiando seu mundo a partir de si mesma, a aranha e seu fazer são a prefiguração de uma das divindades mais antigas: as fiandeiras. Elas alimentam a inesgotável compreensão do desenrolar de toda a existência, enquadrada pelo nascimento e pela morte.

Somente à mulher caberia essa função, ela que cria o feto em seu ventre, como o novelo preso à roca por um fio, pacientemente formado; ao nascer, ainda ligado ao útero pelo fio/cordão umbilical, deve ser desligado/cortado para que possa ganhar sua existência. Diante dessa imagem pouco há a ser discutido sobre o mito das Moiras e outras fiandeiras.

As deusa tecem.... vidas.... expedientes: amorosos, políticos, guerreiros, propícios ou maléficis – todas possuem entre seus epítetos o de “tecelã de ardis”, como Afrodite; ou a

de “roca ou fuso de ouro”, como Ártemis e Atena. Virgens, amantes ou esposas, elas tecem... a vida da humanidade.⁹

O fuso, utensílio–instrumento da fiandeira, foi o primeiro a simbolizar a lei do eterno retorno. Segundo Platão, o fuso da necessidade regula o conjunto cósmico, autonomiza a balança da vida e da morte [...] as Moiras fundam o mundo feminino, na medida em que ele é representação da periodicidade, da renovação, da transformação, da ruptura e do nascimento. (Brumel 1998:375)

O ciclo – movimento uniforme e rotativo – é então o gesto de ligação entre as fiandeiras, a Deusa Mãe e a espiral/novelo. A fertilidade e a fecundidade encarnadas no corpo da fiandeira têm sua origem no sexo da renovação da vida e da instauração da imortalidade, transcendente a toda destruição – como os ciclos da natureza e a sucessão das gerações: a jovem ninfa se tornará mãe e engendrará uma nova *koré*, como Deméter e Perséfone, Pasífae e Ariadne – no raptó e violação da filha está prefigurado o drama da mãe.

O labirinto, como o novelo, partilha a simbologia da teia; ele é um entrelaçar de caminhos; “combinando o motivo da

⁹ A iconografia da deusa tendo nas mãos o fuso ou a roca é bastante difundida também no Oriente. A roca aparece nas mãos de Istar, da grande deusa hitita, da deusa assíria Atargatis e de uma divindade cipriota primitiva, assim como nas mãos da Deusa de Éfeso e na Deusa com fuso encontrada em Tróia, datando de aproximadamente 2.000 e 1.500 a.C.. Todas elas são divindades ligadas à Lua e às serpentes e têm função fertilizante/fecundante comum nos mitos (Eliade 1981:194).

espiral e da trança, representa o infinito sob os dois aspectos de que ele se reveste na imaginação do homem: isto é, o infinito eternamente em mutação da espiral e o infinito do eterno retorno figurado na trança” (Chevalier & Gheerbrant 1989:532). Atingir o centro é encontrar a origem da vida, ligar-se novamente à Terra Mãe; sair do labirinto, em contrapartida, é renascer, daí seu uso iniciático em diversas culturas e religiões.

Sua origem remonta às cavernas e grutas pré-históricas, de intrincados acessos e corredores sinuosos. A caverna, no monte Ida, em Creta, na qual Minos se encontrava com Zeus a cada nove anos, seria o mais temível e intrincado labirinto, do qual Dédalo tirou o “modelo” para sua construção. Etimologicamente, *labýrinthos* “labirinto” é a casa do *labrys*.¹⁰ É no centro da teia/labirinto da Deusa Mãe que se encontra seu consorte. Como o Sol, que se esconde (morre) nas entranhas da terra para renascer a cada manhã, o Touro/*labrys* é representado no interior do labirinto.

449

O FIO DE ARIADNE

*Arruinei a roca, o risco, o fuso,
doce mãe, no tumultuoso amor por um
menino que me urdiu a esguia Afrodita.*
(Safo, 1987:102)

¹⁰ Brandão 1990, verbetes *Minos* e *Minotauro*.

Creta tem sua origem ligada à paixão e ao touro. Esses dois elementos, somados à figura feminina da Deusa Mãe e suas representantes, constituem o elo da sucessão mítica cretense. Alternando-se, substitui à mãe a filha, e um touro a outro, num movimento contínuo e cíclico, como o da espiral – o universo labiríntico de Creta desenha-se múltiplo, embora uno.

O TOURO DO IDA

450

Zeus nasce em Creta. É no Ida, buscando refúgio, que Réia dá a luz ao futuro senhor do Olimpo. O pequeno Zeus é protegido por Gaia, que o esconde num antro profundo e inacessível; amamentado pela ninfa Amaltéia, o pequeno deus tem por companhia os curetes – demônios guerreiros e barulhentos, que com sua dança armada abafam o choro do divino infante. É esse Zeus jovem e imberbe que reinará sobre Creta, e ao qual são dados os epítetos de *ómbrios*, *hyétios* (chuvoso), *úrios* (que envia ventos favoráveis), *astrapaîos* (que lança raios), *brontaîos* (que troveja) – e é também aquele que se manifesta, o visível, o claro, o brilhante – qualificativos que o ligam diretamente ao raio e à chuva, mas também ao Sol. Zeus é, antes de mais nada, um deus da fertilidade – aquele que fecunda a Terra-Mãe com seu sêmen/chuva e faz o grão germinar com seu valor. Devido à sua ligação com a terra, da qual surgiu e a qual fecunda, ele é

também *khthónios*; filho e amante, Zeus se une a diversas divindades ctônicas, como Europa, Sêmele, Deméter e outras, reafirmando assim sua hierogamia com a Deusa Mãe e assumindo seu lugar de consorte, representado pelo touro, animal ao qual está intimamente associado, ou pela serpente: *Zeus Meilichios*, *Ktesios* ou *Phlios*, epítetos que se juntam à representação de um Zeus em forma de serpente, o deus das tempestades. Novamente o touro, a serpente e o raio aparecem imbricados, confundidos na imagem do consorte da Deusa Mãe, como na Deusa do nó de Cnossos (Verbruggen 1981:127-154 *passim*).

Zeus aparece ainda em Creta como *brontaios*, deus da tempestade, do raio e da chuva; *epirnytiós*, que reina sobre o mundo vegetal, atestando sua ligação com a fertilidade da vegetação, como mostram outros epítetos a ele ligados: *endendros*, *epikarpíós*, *karpophorós* e *karpodotes*. O nome *welchanos* é encontrado igualmente em Creta, deus da chuva, do raio e protetor da vegetação, tido como um Zeus arcaico ou ligado a Hefesto e/ou Ares, e ao qual se associa o galo.¹¹ Como no mito de Ares, Afrodite e Hefesto: o senhor do fogo/raio – Ares – liga-se ao animal, enquanto Hefesto, igualmente senhor do fogo, é o Deus dos nós; ambos, amante e marido, de uma Senhora cuja marca primeira é a sedução, o cinto onde se encontram todos os encantos e o sexo –

¹¹ Cf. Verbruggen 1981:143-144.

referências que se aproximam sobremaneira do universo cretense da Deusa das Serpentes e seu consorte.

É nessa perspectiva de consorte viril e pujante que Zeus é representado em Creta como efebo. O jovem deus dos mistérios do monte Ida, o Zeus ctônico, nasce, tem seus primeiros ritos iniciáticos e morre, assim como os demais amantes/consortes da Deusa Mãe – epifania vegetal e taurimórfica que tem sua continuidade no mito de Dioniso Zagreus.

O Zeus cretense é um deus pré-helênico; segundo Verbruggen (1981:21-26), ele assume em Creta o papel de Átis, o amante frígio de Réia–Cibebe. Nilsson, Farnell, Bethe e outros confirmam essa idéia – o Zeus cretense é um deus–touro, deus da vegetação e seu culto tem um caráter orgiástico, com características ctônicas e funerárias. Sua relação com os curetes e seu esconderijo nas entranhas da terra é evidência de uma iniciação guerreira, com a morte e renascimento do jovem Zeus que se une à Deusa Mãe – prefigurada na união do Touro/Zeus com Europa.

As cerimônias do Ida, nas quais o centro do culto é ocupado por um *Zeus Idaios*, confirmam sua divindade ctônica. Representadas em escudos e outros objetos votivos encontrados junto à entrada da gruta, próximos de um altar retangular talhado na rocha, essas peças mostram uma deusa nua cercada de dois *sphinx* ou leões, ou o deus com os pés sobre o couro de um touro e erguendo um leão acima da

cabeça (Verbruggen 1981:71-73). A figurativização do Deus sobre o couro do touro e elevando o leão conota o sacrifício do touro na “estação” do leão, no qual o agente é o deus; elo entre touro e leão, ele é a imagem do Senhor que vence a ambos, o Senhor dos animais.

“Oito metros acima do altar, há uma gruta superior que conduz a uma pequena sala que contém estalactites em forma de falo e um pequeno montículo que faz pensar num trono”, na descrição de Verbruggen (1981:75), que mostra claramente a representação de uma hierogamia – a gruta/sexo/útero da Deusa invadida pelo falo/estalactite do macho. Até 700 a.C. era venerado nessa gruta do Ida um deus, senhor do raio. Ele era cercado de símbolos de soberania (águia, touro, leão) e acompanhado de servidores. Na mesma gruta era venerada uma divindade feminina. Seu culto comportava oferendas para queimar, danças circulares, o jogo dos címbalos, oferendas de estatuetas, de vasos e sobretudo de armas. Certas oferendas indicam a presença de homens e outras de mulheres (Verbruggen 1981:78-79).

Segundo autores antigos, os curetes e as ninfas existiam antes do nascimento de Zeus; derivam dos dáctilos, anteriores aos curetes, e eram a princípio servidores de uma divindade feminina.

Resquícios desse tipo, somados a cerimônias de períodos posteriores, relatadas por diversos comentadores antigos, ainda realizadas nas grutas do Ida e que conjugavam

a iniciação masculina e guerreira com a iniciação das jovens cretenses, culminando com seu casamento,¹² assim como o ocorrido entre Zeus e suas nutrizas, demonstram, pela continuidade e auto-referência, o caráter ctônico, guerreiro e orgiástico presente no culto de Zeus e de sua Senhora no monte Ida, culto ligado à fecundidade/fertilidade da terra e seus habitantes.¹³

O TOURO DO MAR

454

Ao raptar Europa, jovem e bela princesa fenícia, filha de Agenor e descendente, por sua parte, do próprio Zeus e de Posidão, Zeus assume a forma de um magnífico touro branco, com chifres semelhantes à Lua crescente. Sob essa forma ajoelha-se aos pés de Europa, deixa-se acariciar por ela e montar. Ao tê-la sobre o dorso, lança-se velozmente ao mar, chegando a Creta, onde se une à jovem ao pé de uma fonte em Górtina,¹⁴ sob alguns plátanos que, em memória dessa união, conservam o privilégio de jamais perderem as folhas. Dessa união nascem três filhos: Minos, Radamanto e

¹² Esses ritos ocorriam a intervalos regulares, em períodos de 8 ou 9 anos, sempre na estação de Sírius, ou Canícula, quando o touro solar abrasava a terra-fêmea (Verbruggen 1981:71-99; Triomphe 1989:173-178).

¹³ Cf. Verbruggen 1981; Triomphe 1989; Nilsson 1950; Picard 1948 e outros.

¹⁴ Europa está associada à deusa cretense de Górtina, *Hellôtis*, esposa do deus Welchanos, confundido com Zeus ou Apolo. O casal reaparece em Maratona e Corinto, sendo a deusa identificada à virgem Atena (Triomphe 1989:179).

Sarpédon. Europa casa-se posteriormente com Astérion, rei de Creta, que adota os filhos de Zeus.¹⁵

Nesse mito de origem da dinastia cretense observam-se vários elementos recorrentes do mito da Deusa Mãe e que se repetirão no de Minos e Ariadne. A começar pelo touro branco com chifres semelhantes à Lua crescente. Como foi visto anteriormente, Zeus assume desde seu nascimento as insígnias de um deus urânico e solar, astro brilhante, representado pelo touro.¹⁶ Zeus será sucedido no leito de Europa por Astérion, nome que tem sua origem em “estrela”, *hastérios*, podendo ainda significar “aranha”, “planta” ou “astro” (Magnien). Como Zeus, Astérion apresenta-se sob o signo urânico e brilhante.

A união do deus com Europa é fecunda, prova disso são os três filhos, mas essa união é também fonte de vida e continuidade para a natureza – a referência aos plátanos, sempre verdes, que não perdem suas folhas, não morrem, portanto, revela o poder dessa hierogamia. A presença da fonte é outro indício; em quase sua totalidade, os mitos mostram as uniões/violações míticas ocorrendo junto a fontes, lagos e outros mananciais. Característica que será assumida posteriormente nos rituais iniciáticos, propiciatórios e outros,

¹⁵ Cf. Brandão 1993; Souza 1973; Jeanmaire 1939; Dumézil 1924; Picard 1948; Verbruggen 1981; Davembez 1966; Guimarães 1995.

¹⁶ Confirmando seu valor astral, o touro cuja forma foi assumida por Zeus transforma-se em constelação, que é colocada no céu. Essa constelação é a que desaparece com o surgimento de Órion, em junho-julho, Canícula, e, segundo Triomphe (1989:168), é sacrificada com o *labrys* portado pelo gigante.

todos conjugam a água, ou o úmido (feminino), com o fogo (masculino).¹⁷

Já Europa, na etimologia fenícia, designa a *Sombra*, ou a Lua Nova (Triomphe 1989:184). Assim como Réia ou Gaia, ela é a Senhora que habita o mundo ctônico, é a negra, como Afrodite *Melainis*, associada ao reino de Hades e semelhante a Perséfone – ela é a escuridão da terra, o vazio profundo e perigoso, a terra úmida. Como Lua Nova, ela é a Lua que vai habitar as regiões infernais. Em ambos os casos, Europa figurativiza a Senhora ctônica, a grande Deusa Mãe ligada à Lua e seus ciclos, terrível e benéfica, como a Vênus de Laussel.

456

DA SATISFAÇÃO DOS DESEJOS...

Após a morte de Astérion, Minos disputa com os irmãos o trono cretense. O futuro soberano alega que, de direito e de fato, Creta lhe pertence por vontade dos deuses e, para prová-lo, declara que os deuses lhe concederiam tudo o que desejasse. Ao fazer um sacrifício a Posidão, solicita ao deus que faça sair um touro do mar, comprometendo-se a imolar o animal logo em seguida em sua honra. Posidão atende o pedido, o que lhe vale o poder supremo, sem mais contestação por parte dos irmãos. No entanto, Minos, impressionado com a beleza do animal, não o sacrifica e o

¹⁷ Cf. MARQUETTI, 2001 a relação ninfa-água no cap. 1 e nota 125.

envia para junto de seu rebanho, desejando conservar-lhe a raça. Minos casa-se com Pasífae, filha do deus–Sol Hélios e de Perseis, e com ela tem vários filhos, dentre eles, Glauco, Androgeu, Ariadne e Fedra. Para punir Minos do perjúrio, Posidão alia-se a Afrodite, fazendo nascer em Pasífae uma paixão irresistível pelo touro.¹⁸ Auxiliada por Dédalo, Pasífae consuma seu desejo. Dessa união funesta nasce o Minotauro, também chamado Astérion, monstro com corpo de homem e cabeça de touro. Buscando esconder o filho bastardo, Minos faz Dédalo construir, no palácio de Cnossos, o labirinto. Ali encerra o Minotauro, o qual alimenta com vítimas humanas.¹⁹

A atmosfera que cerca a personagem de Minos e as aventuras de Pasífae e do Minotauro traduzem uma estrutura reincidente: a do consorte, ligado ao touro, que se une à deusa. Minos, filho de Zeus–touro, tem seu poder assegurado igualmente pelo touro, epifania de Posidão, que no universo cretense é um símile de Zeus. Minos é, portanto, também um touro – consorte viril que cobre inúmeras amantes (ninfas ligadas à terra como Prócris, que o livra das serpentes de Pasífae, ou Britomártis, a *doce virgem*, nome dado à Ártemis cretense) e tem por esposa Pasífae, a *que ilumina a todos* –

457

¹⁸ A paixão de Pasífae pelo touro é atribuída ora a Posidão somente, ora a ele e a Afrodite, que vinga na filha de Hélios a indiscrição do pai que havia contado a Hefesto sobre os amores clandestinos da deusa com Ares. Posidão em sua ira enfurece o touro, que mais tarde é morto por Hércules ou Teseu (Brandão 1993).

¹⁹ Cf. Brandão 1993; Guimarães 1995; Davembez 1966; Grimal 1993; Plutarco 1991:28-36.

filha do Sol²⁰ – ela é a personificação da Lua Cheia. Da união do Touro/Sol – Minos com a Lua/Pasífae nasce Ariadne, *a muito bela, ou a casta, a pura, a luminosa, a muito sagrada e/ou honrada*.²¹ Ariadne, como Pasífae, é filha do touro/Sol e da Senhora cretense e seguirá um destino idêntico ao dela.

Os valores ctônicos estão figurativizados, em Pasífae, em seu poder de maga; ela é irmã de Circe e, como ela, conhecedora de todas as ervas; no domínio das serpentes, animais que faz nascer do corpo de seu esposo quando ele se une a outras amantes – só a ela as serpentes poupam da morte; além de sua ligação com a Lua.

Ao unir-se ao touro de Posidão, Pasífae gera o Minotauro que, por sua vez, é um avatar da Lua, cujo crescente se assemelha aos cornos do touro. Ao ser denominado Astérion, “estrela”, mas também “aranha”, vê-se confirmar um ciclo não só estelar, retorno de Sírios, mas também figurativo, pois o novo Astérion–aranha–touro ocupa o centro da teia–labirinto. Chantraine afirma que o Minotauro é etimologicamente *o Homem–Touro*. Filho da Deusa Mãe e de seu consorte, o Minotauro é o sucessor de Minos nessa dinastia taurimórfica – uma vez que Teseu terá de matá-lo para poder se unir a Ariadne, a nova Senhora de Cnossos.

²⁰ Astro ligado ao touro, como mostra seu enorme rebanho de bois, animais de brancura imaculada e cornos de ouro, que os companheiros de Ulisses ousam comer (*Odisséia* XII, 260-402).

²¹ Seu nome revela atributos que mais tarde serão conferidos a Afrodite e Ártemis.

O MATADOR DE TOUROS

Após encarcerar o Minotauro no labirinto, Minos lhe oferece como repasto os jovens enviados a ele por Egeu, tributo que o rei de Atenas tem de pagar devido ao assassinato de Androgeu, filho de Minos, ocorrido durante os jogos de Atenas.²² A cada sete, ou nove anos, as versões variam, Egeu envia a Minos sete rapazes e sete moças. Ao chegar a época do terceiro tributo a pagar, Teseu²³ se oferece como uma das vítimas. Embora Egeu se oponha, Teseu parte com os jovens. O rei dá ao piloto da embarcação duas velas, uma negra para a partida e outra branca (ou púrpura, cor das flores do carvalho²⁴) para a volta, que haveria de servir para noticiar a salvação dos passageiros. Teseu parte para Creta, mas antes vai a Delfos orar ao deus, que lhe ordena que tome Afrodite como guia e companheira de viagem. Ao chegar em

459

²² Androgeu, após vencer os jogos, é enviado por Egeu para lutar contra o touro de Maratona, quando falece. Alguns mitógrafos dizem ser esse touro o mesmo que saiu das águas a pedido de Minos.

²³ Teseu é dado como filho de Posidão e/ou de Egeu. Etra, sua mãe, ter-se-ia unido a ambos no mesmo dia. Egeu é descendente de Hefesto, deus do fogo, e de Gaia /Atena. Hefesto tenta violar Atena, mas ela escapa a ele; no entanto, o sêmen do deus cai sobre Gaia (a terra), que gera Erictrônio, ancestral de Egeu. Teseu é descendente, portanto, de um deus do fogo com uma Deusa Mãe. Deve-se observar ainda que Hefesto, após ser lançado do Olimpo por Zeus, viveu nove anos numa caverna, onde aprendeu a trabalhar os metais. Foi esposo de Afrodite, que o traiu com Ares – outro senhor do fogo.

²⁴ A púrpura ou vermelho-escuro é a cor da realeza, mas aqui é também indício do esperado renascimento de Teseu; banhado no sangue escuro da mãe ao nascer, Teseu deveria regressar do centro da terra, envolto por velas (que possuem estreita correlação com os véus e, portanto, com o hímen-sexo) rubras – signo do iniciado.

Creta, Ariadne, filha de Minos e Pasífae, é tomada de um violento amor pelo jovem e lhe entrega o novelo (ou coroa luminosa)²⁵ para que possa sair do labirinto; a única condição imposta pela jovem é que Teseu a leve consigo quando deixar a ilha. Teseu, munido da espada e do novelo, entra no labirinto e mata o Minotauro, retornando a Atenas com os companheiros e Ariadne. Devido a uma tempestade, Teseu é atirado às costas de Chipre (ou Naxos) onde abandona Ariadne,²⁶ que mais tarde é encontrada por Dioniso; enamorado da bela Ariadne, o deus do vinho se une a ela. Teseu aporta em Delos e, depois de sacrificar a Apolo e consagrar a estátua de Afrodite que Ariadne lhe havia dado, executa com os jovens um coro de danças cujas figuras imitam as curvas e os ângulos do labirinto, num ritmo de movimentos alternantes e circulares. Teseu a executa em redor do *Cerato*, altar feito de chifres (*keráton*). Esquecido de mudar as velas, o piloto aproxima-se de Atenas com as velas negras. Egeu, acreditando na morte do filho, atira-se ao mar.

²⁵ Existem duas versões sobre o objeto ofertado a Teseu por Ariadne. O mais corrente é o novelo; o outro, uma coroa luminosa dada a Ariadne por Dioniso ou Afrodite. Tanto o novelo quanto a coroa se inserem no rol figurativo do círculo/espiral e demais semas vistos para o sexo. O novelo remete ao feto/cordão umbilical, mas também à Lua e seus raios/fios de luz, imagem contida na coroa. Ariadne, como Pasífae, é a Lua cercada por uma coroa de luz que guia o homem na escuridão da noite. Como símile do sexo, é graças à paixão inspirada por Afrodite que Ariadne se oferece a Teseu, auxiliando-o.

²⁶ Há várias versões sobre o abandono de Ariadne por Teseu. Numa delas, a jovem está grávida e desce à Terra, enquanto Teseu fica a bordo e é levado para longe pela tempestade; em outra, o jovem a abandona por estar apaixonado por outra mulher. Em ambas, Afrodite tem uma parcela de responsabilidade.

Teseu empreende ainda várias expedições. Numa delas, une-se a Antíope, uma das Amazonas, com quem tem Hipólito. Mais tarde, regressa a Creta e rapta/desposa Fedra, irmã de Ariadne.²⁷

O mito de Teseu recupera inúmeros elementos ligados à Deusa Mãe e sua hierogamia com o touro, bem como os ritos propiciatórios e iniciáticos ligados ao Ida.

Teseu é filho de Egeu e/ou Posidão, congregando dessa forma o fogo de Hefesto com o mar/touro de Posidão. Embora o senhor dos mares seja, geralmente, associado ao cavalo, em Creta e no mito de Minos/Teseu ele se faz representar pelo touro. Assim sendo, Teseu é fruto da união de deus urânico com a Deusa Mãe, equivalendo-se a Minos. Mas essa identidade não se restringe apenas à origem de ambos: Teseu, como Minos, é o símbolo do iniciado – juntamente com mais treze jovens, ele é encerrado no labirinto (símile da gruta do Ida onde Minos, a cada sete ou nove anos, vai se encontrar/enfrentar Zeus–Touro para relatar seu governo, só retornando ao mundo com o consentimento do deus), enfrenta o Minotauro, sofrendo uma morte ritual antes de se unir a uma esposa real e divina, Ariadne; duplo de Pasífae, ela é a luminosa, a luz da Lua, a ninfa/*koré* que se entregará ao touro/deus numa hierogamia semelhante à de Europa e Zeus. E, como Pasífae, deixará esse touro por

461

²⁷ Cf. Plutarco 1991:17-51; Brandão 1993 verbetes *Ariadne*, *Minos*, *Minotauro*, *Pasífae* e *Teseu*.

outro, Dioniso – deus taurimórfico e ligado à vegetação, o que lhe custará a vida, sendo substituída por uma nova *koré*, Fedra.

Retomando a epifania de Zeus, a morte do *kouros* divino na gruta tem, como a morte/desaparecimento mística do iniciado, seu modelo na morte anual da vegetação, seguida de uma ressurreição primaveril promovida pela divindade feminina (Triomphe 1989:181). Teseu, morto/desaparecido no labirinto/gruta, renasce pelas mãos de Ariadne – o novelo é o cordão umbilical, fio mágico, que traz Teseu à vida – como os demais consortes, ele é filho e amante de Ariadne. Seu (re)nascimento é fruto da união do Sol/touro com a terra – é o sangue do Minotauro, imolado por Teseu, derramado no labirinto/gruta/útero da Terra que promove a renovação e o surgimento de um novo ciclo, agora mantido por Teseu e Ariadne.

As sucessões dos consortes da Deusa Mãe ocorrem a intervalos regulares; eles são provados de maneira a demonstrar sua força, coragem e virilidade; se fracassam, são substituídos por um mais jovem e, eventualmente, imolados como tributo à deusa. O novo Senhor se unirá então a uma nova Senhora, revigorada pelo sangue, pronta a receber o sêmen. Ariadne sucede a Pasífae, como ela sucedeu a Europa – todas são a mesma e única Deusa – Mãe – Terra.

O abandono de Ariadne por Teseu parece confuso em suas muitas versões, mas, se visto dentro do arcabouço

narrativo estabelecido para a Deusa Mãe e seu consorte, é bastante claro e coerente. Ariadne, mais que uma personagem apaixonada, é a figurativização da *koré*, da virgem, como Perséfone, Ártemis ou da Afrodite que se une a Anquises no *Hino a Afrodite I*. Todas guardam a figuratividade da fruta madura pronta para ser colhida – plenas de sementes, elas precisam ter suas cascas rompidas, suas cinturas desnudadas, seus cintos desprendidos, seus véus levantados pelo Sol/touro para que as sementes se espalhem sobre a terra fecunda, gerando novos frutos para a nova estação primaveril. Sob esse aspecto, Ariadne equivale à Deusa do nó de Cnossos – *koré* benéfica, que oferece a continuidade da vida, serpente/novelo. Mas, após ser fecundada, a *koré* desaparece, deixa de existir, e Ariadne assume seu aspecto de *pótnia* – *Senhora das Feras* ligada ao leão solar²⁸ (Dioniso), sucessor do touro, sendo substituída por outra *koré*, Fedra. Como Pasífae, ela brande as serpentes/abelhas da ira e as faz nascer de seu consorte – é a visão terrificante da Deusa com felino.

463

Dioniso é o *filho do Céu*, nascido duas vezes; ele é primeiro filho de Zeus e Perséfone. Zeus assume a forma de uma serpente para se unir à *koré* ctônica. Perseguido por Hera, o jovem deus é entregue aos cuidados dos curetes e

²⁸ Como Zeus, Dioniso assume valores uranianos e ctônicos, pois Ariadne é encontrada e amada pelo deus quando dormia num campo cheio de narcisos. O sono/torpor causado pelo perfume dos narcisos é comparado à morte; assim, Ariadne é um duplo de Perséfone, a *koré* raptada por Hades enquanto colhia um belo narciso, e Dioniso de Hades, deus ctônico.

Apolo, mas Hera o encontra e envia os Titãs para que o devorem. “Morto”, desmembrado e cozido, só resta o coração do deus, que Atena rouba aos Titãs a mando de Zeus, que o devora ou o dá a Sêmele, antes de se unir à jovem. Sêmele, avatar da Grande Mãe, é a terra, grávida do deus é fulminada por Zeus (senhor do raio) ao desejar vê-lo em todo o seu esplendor. Dioniso, retirado do ventre de Sêmele, é colocado na coxa de Zeus, que termina sua gestação.²⁹ Ao (re)nascer é confiado às ninfas e aos sátiros, sob a forma de bode. Entre as vinhas, na sombria gruta de Nisa, Dioniso cria o vinho.

Como Zeus/Minos/Teseu, Dioniso é filho da Terra – Deusa Mãe fecundada pela serpente/touro/raio. Após sua morte ritual, renasce, conjugando o úmido e o ígneo. O deus apresenta-se então sob a forma de touro, de bode e, às vezes, de um felino (pantera, leopardo ou leão). Deus das orgias e do êxtase, ele é para os cretenses Zagreus, o Senhor das Feras, confundindo-se com Zeus, associado às abelhas, às serpentes e às danças vertiginosas ao som dos címbalos.

Ao tornar Ariadne esposa de Dioniso, o mito recupera os valores astrais e perpétuos dos ciclos da natureza. Se Dioniso é o novo Zeus–touro, Ariadne é a deusa cretense, a terra. Instalados no céu, com a constelação da coroa, o par divino celebra a cada ano a renovação da natureza, servindo de modelo e estabelecendo uma seqüência ritual, na qual

²⁹ A coxa de Zeus possui aqui uma equivalência com o útero/ventre das Vênus, como o triângulo formado pelas coxas dessas deusas.

vida, sedução e morte equivalem a mais uma volta da elipse do tempo – nova, diferente, porém idêntica à anterior.

Não é sem motivo que Teseu retorna a Atenas na época da colheita: ele, que, matando o touro na casa do *labrys*, nada mais fez que prolongar a longa aventura taurina que teve seu prosseguimento com o nascimento do Minotauro, é o agente que irá traduzir o mito em estruturas religiosas e sociais mais concretas. Ele é o iniciado que, sob os auspícios de Afrodite, Senhora do sexo e da fertilidade, retorna à vida e ensina/representa, através da dança (símile do ato sexual), os perigosos caminhos que levam ao centro do labirinto – ao ventre da Deusa. Novamente Teseu e o Minotauro se fundem: ao recriar o labirinto através da dança, Teseu assume o lugar do homem–touro–aranha, ocupando o centro da teia–labirinto por ele tecido. A dança executada por Teseu segue o movimento chamado *gêranos*: associado ao grou (ave pernalta), é dançado por várias pessoas, uma atrás da outra em fila e numa única fila.

[...] a dança do grou imita ora a saída do labirinto, ora a entrada na morada do Minotauro. E nas descrições dos antiquários o movimento é especificado por dois aspectos. De um lado, suas figuras maiores são a paralaxe e a espiral (parállaxis e anêlaxis), combinando num traçado helicoidal os movimentos alternados da esquerda para a direita. De outro, o movimento é conduzido

por dois guias, cada um ocupando uma extremidade. Os dançarinos se alinham numa fila contínua, porém provida de dois guias, como uma fila cujo cerra-fila se metamorfoseasse em guia, num ponto e num tempo do percurso. (Detienne 1991:18)³⁰

O TOURO ENREDADO

466

Na continuação do mito de Teseu, ocorrem novas uniões com as *kórai*: com Antíope, a Amazona, que, como as ninfas abelhas do cortejo de Ártemis/ Ariadne/ Afrodite, nutrizes de Zeus, entrega-se ao touro para gerar um novo filho/amante – Hipólito, o sucessor de Teseu; e com Fedra, a nova Senhora, que deseja um novo consorte, pois Teseu, já velho, deve ser substituído, mas Hipólito recusa-se a cultuar Afrodite e a se unir a Fedra. Caluniado por ela, Hipólito é morto pelo touro que Posidão faz surgir do mar a pedido de Teseu. Incapaz de controlar seu carro, “*preso nas rédeas, Hipólito, é arrastado num laço inextricável, esmagando a*

³⁰ A referência ao grou complica e muitas vezes oculta a pertinência dessas figuras de dança para descrever o percurso do labirinto. Para uns, a Donzela na dança da primavera descobria um antigo rito agrário, relacionado com um percurso lustral alheio às aventuras de Teseu (a dança ao longo do altar seria um rito banal de natureza lustral aproximado por contra-senso de um antigo rito agrário de primavera sob o signo da ave grou, segundo Roux, citado por Detienne); para outros, seu nome evoca um detalhe singular da dança: *a forma triangular da evolução* (1991:18). Tratando-se de uma dança ligada ao labirinto e, portanto, à elipse e ao sexo feminino, a forma triangular da evolução retoma o delta púbico.

*cabeça nos penhascos e lacerando as carnes*³¹ (Eurípides, *Hipólito*, 1236-1239).

Os versos de Eurípides narram o sacrifício desse jovem touro – enredado e preso por um nó que não se pode desatar, ele é arrastado por suas éguas, banhando a terra deserta com seu sangue; como Minotauro ou Dioniso seu sangue fecunda a terra.

A presença do *nó inviolável* que o liga, por meio das rédeas (correias, faixas ou cintos), às éguas recupera a figuratividade das deusas com suas cinturas guardadas pelo nó sagrado. Como o cavalo, as éguas ligam-se às trevas do mundo ctônico e às abissais profundezas do mar. Associados às deusas ctônicas, os eqüinos aparecem no mito de Deméter, representada na Arcádia com cabeça de cavalo, no das Eríneas e no das Harpias, demônios das tempestades, da devastação e da morte, representadas a um só tempo como mulheres, pássaros e éguas (Chevalier & Gheerbrant).

O sacrifício/morte de Hipólito, enredado nos laços/nó de Afrodite, junto ao mar, assume o mesmo motivo sêmi-narrativo e protofiguratividade dos demais deuses e heróis

³¹ O verbo *desmeýo* (atar, enlaçar), do qual deriva *desmós* “nó” possui a variação *désmios*, “que encanta, que enfeitiça”; pas. “encantado, enfeitiçado”. A derivação poética remete a uma aproximação entre enredar/prender/atrain e encantar/seduzir, correlação também presente no latim *seducere* “levar para o lado, atrair”; da mesma forma, o latim *fascinus* ou *fascinum* significa “quebranto, sortilégio, malefício” e pertence à mesma família etimológica de *fascia* “faixa, atadura”; o termo *fascínio*, “mau-olhado, quebranto, sortilégio” no português tem origem no verbo *fascinare* “encantar, enfeitiçar”, a mesma raiz dos sortilégios e nós (Brandão 1994:55).

ligados às Senhoras. Atados a elas, pelo nascimento e pelo sexo, eles oferecem seu sangue e/ou sêmen para fecundá-las, gerando um novo substituto. Como Minos foi substituído pelo touro de Posidão, Hipólito também o é. Minos é morto pelas filhas do rei Cócalo, na Sicília, num banho de pez fervente (o piche é um “líquido” oriundo das profundezas da terra), “cozido” como Dioniso pelos Titãs. Teseu, como Egeu, tem seu fim no mar, em Círos; todos perecem ligados à água, ao feminino, e a Afrodite e Posidão.

Atados à Deusa do amor erótico, pelo desejo ou pela violência/dor, os machos conjugam um percurso narrativo que leva de seu ocultamento numa gruta/caverna a um banho de sangue (seu ou de seu antecessor) e posterior união com a Senhora. Dioniso, oculto na caverna, renasce após “emascular/matar” a vinha (os grãos de uva possuem o mesmo conjunto sêmico visto para os testículos), e então unir-se a Ariadne ou outra *koré*. Zeus assume o poder após esconder-se no seio de Gaia e “matar” Cronos, que por sua vez também foi ocultado por Gaia em seu ventre para que emasculasse Urano. Motivo recorrente, o mais jovem assume seu direito de união com a Senhora ao verter o sangue de seu antecessor, seqüência encontrada nos rituais de Ártemis, quando o aspirante a sacerdote deve matar o anterior e colher o ramo de ouro da árvore sagrada, e na sucessão dos reis divinos, que não podem ter uma morte natural ou por doença, o que corromperia a terra, os homens, as plantações e

animais, inviabilizando a vida da comunidade. O sintoma particular que comumente selava a sentença de morte do rei é bastante significativo: quando ele já não podia satisfazer os desejos de suas numerosas mulheres – em outros termos, quando sua capacidade viril cessava, bem como a possibilidade de reprodução –, era o momento de morrer e ceder o lugar a um sucessor mais potente.³² Rituais sangrentos que perduraram até o período clássico, sendo abrandados depois (Frazer 1956:23-30, 312-332 *passim*), mas que revelam a permanência de uma estrutura cuja origem coincide com a do homem.

Assim como o cinto ou o nó, o touro branco, consorte da deusa e senhor do céu, tem sua imagem gravada desde as cavernas paleolíticas (o belo touro de Lascaux) até os relatos míticos dos amores de Europa e Pasífae e nos versos da tragédia. Fonte de vida e de morte, o touro e sua Senhora percorrem o imaginário humano desde seu nascimento, proposital ou não, inspiração das musas ou engenho e arte do poeta/artista. Impossível saber com certeza, mas é na arte e

469

³² Outro aspecto que precisa ser levado em consideração, segundo Silvia de Carvalho (1985:25) “é que, com a formação dos Estados Teocráticos, o rei-sacerdote ou o rei encarnação de deus é, antes de tudo, tido como um ‘ser que se sacrifica’, um mediador entre o seu povo e os deuses ou o mundo exterior, e esta mediação se consegue no esquema arcaico de representações, assumindo o rei um status de ‘vítima sacrificial’. Esse sacrifício, numa sociedade de linhagens, em que os mortos – os ancestrais – são os mediadores entre o mundo humano e o Cosmos (Natureza e Além) caracteriza-se como um rito que visa transformar o chefe num ancestral vivo e por isso rei sagrado ou encarnação de deus, pois a linha genealógica ascendente leva naturalmente ao herói civilizador, que é, em última instância o deus criador dos homens e do mundo humanizado.”

pela arte que esses traços se perpetuaram e evoluíram, se auto-referindo e transformando. A Natureza e a arte aparecem como reflexos uma da outra, deixando ao homem/Teseu o papel de espelho, superfície polida em que se projetam.

Dessa forma, os laços e adornos que enfeitam o corpo das deusas enredam o macho e o prendem ao desejo. Brilhantes e sedutores, delicados e transparentes, eles capturam o olhar, arrastando sua presa para o centro de uma teia. Atados a essa imagem fascinante, os consortes deixam-se morrer no gozo do prazer. A “femme fatale”, Deusa Mãe, Afrodite, instalada no centro de sua teia, move-se entre o brilho e a sombra – seu corpo é o centro, está sempre no centro, ocupando o mundo que o engloba – a experiência de transformações inesperadas e maravilhosas (nesse corpo feminino) deixa no homem uma impressão intensa, êxtase perigoso, fronteira da sedução que se dá no encontro da representação do véu/cinto com a representação da carne.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega I**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Mitologia Grega II**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRUMEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio ed., 1998.

471

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger. O mito de Édipo: uma análise antropológica. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). **O enigma em Édipo Rei e outros estudos de teatro antigo**. Belo Horizonte: UFMG/CNPQ, 1985. p.19-41.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Étymologique de Langue Grecque**. Histoire des mots. Paris: Éditions Klincksieck, 1980.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Coord. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DAVEMBEZ, Pierre et al. **Dictionnaire de la civilization Grecque**. Paris: Fernand Hazan, 1966.

DETIENNE, Marcel. **A escrita de Orfeu**. Trad. Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

DUMEZIL, G. **Le festin d'immortalité**. Étude sur la mythologie comparée indo-européenne. Paris: Gallimard, 1924.

ELIADE, Mircea. **Traité d'histoire des religions**. Paris: Payot, 1949.

ELIADE, Mircea. **Tratado de historia de las religiones**. Morforlogia y dinámica de lo sagrado. Madrid: Cristiandad, 1981.

EURÍPEDES. **Hipólito**. Trad. Carlos Miralles. Barcelona: Bosch, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FRAZER, James George. **La rama dorada**. Magia y religion. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOMÈRE. Hymnes à Aphodite. In: **Hymnes**. Trad. Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1967. p.141-64.

HOMÈRE. **L'Odyssee**. Trad. P. Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

473

HOOD, Sinclair. **Os minóicos**. Lisboa: Ed. Verbo, 1973.

JEANMAIRE, H. **Couroi et Courètes**. Essai sur l'éducation spartiate et sur les rites d'adolescence dans l'antiquité hellénique. Lille: L' Observateur, 1939.

MAGNIEN, Victor & LACROIX, Maurice. **Dictionnaire Grec-Française**. Paris: Belin, 1969.

MARQUETTI, Flávia R. **Da Sedução e outros perigos**. O mito da Deusa Mãe. Araraquara: UNESP, 2001. 289fls. Tese

(Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2001.

NILSSON, Martin P. **The Minoan Mycenaean religion and its survival in greek religion**. Paris: Payot, 1950.

PAPAPOSTOLOU, J.A. **Crète**. Athenes: Éditions Clio , 1981.

PAZ, Octávio. Dama. In: **Libertad bajo palabra**. Obra poética (1935-1957). México: Letras Mexicanas e Fondo de Cultura Económica, 1995.

474

PICARD, Charles. **Les religions Préhelléniques**. Paris: Univesitaires de France, 1948.

PLUTARCO. Teseu. In: **Vidas paralelas**. Trad. Gilson Cardoso. São Paulo: PAUMAPE, 1991. V.1, p.17-51.

SAFO. **Safo**: tudo que restou. Trad. Alvaro Antunes. Minas Gerais: Interior Edições, 1987.

SOUZA, Eudoro. **Dioniso em Creta e outros ensaios**. Estudo de mitologia e filosofia da Grécia. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

TREUIL, René et al. **Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze**. Paris: Universitaires de France, 1989.

TRIOMPHE, Robert. **Le lion, la vierge et le miel**. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

VERBRUGGEN, H. **Le Zeus Crétois**. Paris: Les Belles Lettres, 1981.